

A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO: DA EMOÇÃO NO GOL AO LUTO PELAS VÍTIMAS

Violence in Brazilian Soccer: From the Emotion in Goal to the Struggle for Victims

Maikon Jhonathan Ribeiro*
Pedro Henrique Carnevalli Fernandes**

Resumo: Na Geografia, observa-se uma ampliação de pesquisas acerca do tema da violência, sobretudo inseridos na Geografia da violência. O objetivo deste artigo é refletir sobre a violência no futebol brasileiro. Os procedimentos metodológicos foram: levantamento e leitura de material bibliográfico acerca do tema da violência; levantamento de notícias sobre a violência no futebol; e, por fim, elaboração de materiais cartográficos e da redação final do artigo. Os resultados sinalizam que o Brasil é um dos países com maior quantidade de mortes em decorrência do futebol, resultado de conflitos entre torcedores.

Palavras-chave: Geografia da violência, Violência nos esportes, Futebol.

Abstract: In the academy, the theme of violence has increasingly been inserted in the studies of the Geography of violence. The objective of this work is to reflect on the violence in Brazilian soccer. The methodological procedures for carrying out this paper were: survey and reading of bibliographic material about violence and violence in soccer; survey of news about violence in soccer; and, finally, preparation of cartographic materials and the final writing of the paper. The results indicate that Brazil is one of the countries with the highest number of deaths due to this motivation, the result of conflicts between fans and even among fans themselves.

Keywords: Geography of violence, Violence in sports, Soccer.

Introdução

Na Geografia, observa-se uma ampliação, ainda que tímida, de pesquisas relacionadas ao tema da violência, sobretudo inseridos na chamada Geografia da Violência. Quanto aos espaços, embora Fernandes e Endlich (2011) demonstrem uma concentração de estudos sobre a violência em áreas metropolitanas, já existem pesquisadores abordando a ocorrência do fenômeno em pequenas, como Caniello (2003), Soriano (2007) e Fernandes (2012; 2017).

Na compreensão acerca do fenômeno da violência, Fernandes (2020) destaca a existência de divergências entre os pesquisadores quanto à seguinte dualidade: a abordagem material/concreta *versus* a abordagem imaterial/abstrata. Por isso, este artigo se posiciona como uma pesquisa que focaliza a abordagem concreta da violência, sendo a violência no futebol a tipologia estudada.

* Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: maikon.contatos@hotmail.com.

** Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: pedrofernandes@uenp.edu.br.

A violência no futebol ocorre desde as categorias de base até a profissional, no alto rendimento e, também, nas “peladas” (BARROSO; VELHO; FENSTERSEIFER, 2005). O futebol profissional é a vitrine para todos os participantes das demais categorias e apenas as mudanças em suas regras, como os incentivos de *fair play*, não garantem a coibição da violência entre esses participantes, sobretudo no futebol não profissional (BARROSO; VELHO; FENSTERSEIFER, 2005).

O objetivo central deste artigo é refletir sobre a violência no futebol brasileiro, de modo a contribuir com os estudos da Geografia da violência. Os procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste artigo foram: levantamento e leitura de material bibliográfico acerca dos temas da violência e da violência no futebol, para fundamentar teoricamente a pesquisa; levantamento de notícias, em meio digital, sobre a violência no futebol, para quantificar e qualificar o debate com uma perspectiva mais empírica; e, por fim, elaboração de materiais cartográficos e da redação final.

O artigo está estruturado em três partes, além da introdução e das considerações finais: na primeira, aborda-se teoricamente a violência e a violência no futebol, enfatizando a essência teórica dos conceitos; a segunda parte do artigo discorre acerca da violência no futebol a partir das torcidas organizadas; e, por fim, a terceira parte reflete sobre

a contradição da violência no futebol, entrando no aspecto da emoção no gol ao luto pelas vítimas.

Violência e violência no futebol

A violência é amplamente conhecida por ter, conceitualmente, sua origem no latim “*vis*”, que, de acordo com Rifiotis (1999), inicialmente, significava “força”. Apesar disso, a violência se tornou “uma palavra singular. Seu uso recorrente a tornou de tal modo familiar que parece desnecessário defini-la” (RIFIOTIS, 1999, p. 28).

Em contrapartida, Fernandes (2017) alerta que a banalização do uso da palavra violência tem gerado um problema quanto à redução do conceito e, por conseguinte, melhor compreensão do fenômeno. Portanto, é preciso ampliar os estudos em Geografia da violência de modo a avançar na compreensão do fenômeno da violência em suas mais diversas faces.

De acordo com Modena (2016), a violência pode ser natural ou artificial. No primeiro caso, ninguém está livre de vivenciar o fenômeno da violência, ou seja, ela é própria de todos os seres humanos (MODENA, 2016). No segundo caso, a violência é compreendida como um excesso de força de uns sobre outros, o que expressa o ato de violar outrem ou de se violar (MODENA, 2016). O termo parece indicar algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que causa danos físicos, como ferimentos e morte, ou danos psíquicos, como as humilhações, ameaças e ofensas (MODENA, 2016). Em um aspecto mais filosófico, as ações de violência expressam atos contrários à liberdade e à vontade de alguém, portanto, reside nisso uma dimensão moral e ética (MODENA, 2016).

A violência é “[...] um fenômeno inerente à condição humana” (MOREIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2006, p. 629). Em contrapartida a essa ideia, a teoria frankliana entende que o ser humano apresenta causas para a violência (MOREIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2006). Apesar de ambas terem sentido, a corrente que ganhou mais força é a que entende a violência a partir da consolidação do modo de produção capitalista e do advento do fenômeno da globalização, portanto, sendo desterritorializada e onipresente, no sentido de não pertencer exclusivamente a um só espaço e não estar condicionada apenas a um grupo social (FERNANDES, 2020). Souza (2008, p. 148), uma importante referência dentro dessa linha de compreensão do fenômeno da violência, entende, nesse sentido, que o “sistema capitalista é, ele próprio, ‘criminógeno’”.

Na sociedade predominantemente urbana é preciso considerar que a violência também “[...] derivada da organização do espaço urbano [...]” (VIANA,

2002, p. 29). Assim, a violência urbana constrói “[...] modelos de comportamento e experiências vividas não convencionais” (SILVA, 2004, p. 61), como o medo e a insegurança urbana (FERNANDES, 2020).

Zisman (1993) elencou tipologias para a violência: contra a pessoa, no seio da família, no trabalho, no trânsito, na escola e na cultura, das discriminações, nos esportes, nos serviços de saúde, policial e contra o patrimônio. Certamente, outras tipologias podem existir. Apesar dessa ramificação tipológica da violência, entende-se que o horizonte teórico-metodológico das pesquisas da Geografia da Violência deve estar na compreensão do fenômeno da violência no espaço geográfico e a partir da sociedade.

No caso deste artigo, o fenômeno da violência é compreendido a partir de uma tipologia específica: a violência no futebol. Segundo Zisman (1993, p. 46), “O clube presta-se à socialização. Porém, a violência dentro e fora de campo, a rivalidade entre torcidas passou a ser outra forma de violência” (ZISMAN, 1993, p. 46).

Já para Barroso, Velho e Fensterseifer (2005, p. 65), na violência no esporte, incluindo a violência no futebol, “[...] cada um dos segmentos da sociedade se envolve com o esporte de formas diferentes, e qualquer manifestação gerada neste meio, como a agressividade, varia dependendo do significado desta atividade para as pessoas”. No caso de atletas profissionais, muitos “se valem dos mais diversos recursos, inclusive machucar intencionalmente seus companheiros de profissão com o objetivo de ganhar ou ter sucesso” (BARROSO; VELHO; FENSTERSEIFER, 2005, p. 65), resultado da construção social sobre a competição – o vencer.

A violência no futebol não é recente, mas, segundo Pimenta (2000, p. 123), o ineditismo está no “[...] movimento social de jovens em torno de uma organização que difunde novas dimensões culturais e simbólicas no cotidiano urbano, amoldando o comportamento dos inscritos”. Nesse sentido, é preciso entender o papel das torcidas organizadas, por isso, a próxima parte deste artigo destaca a compreensão da violência no futebol a partir das torcidas organizadas.

Violência no futebol por meio das torcidas organizadas

A violência entre “torcidas organizadas” não está desarticulada dos aspectos político, econômico e sociocultural vivenciados na sociedade brasileira (PIMENTA, 2000). Essa perspectiva apresentada por Pimenta (2000) é fundamental para a compreender a existência da violência no futebol, sobretudo quando envolve torcedores organizados. Assim, “[...] o estilo de vida dos jovens, aqui denominados de novos sujeitos sociais, não pode ser dissociado dos desdobramentos causados

por esses traçados político-econômicos legitimados no ‘jogo’ social” (PIMENTA, 2000, p. 123). Portanto, esta parte do artigo não pretende reduzir a explicação da violência no futebol exclusivamente às ações de torcidas organizadas, mas colocar luz no assunto, de modo a contribuir com a temática da compreensão da violência no futebol.

No Brasil, ao mencionar o tema futebol, instantaneamente, é comum se deparar com uma cultura que deixa as “emoções à flor da pele”, com diversidade de sentimentos, como paixão, amor, alegria, raiva, dor, entre outros (MURAD, 2017). O torcedor acaba sendo o elemento principal para o enraizamento da cultura futebolística, sobretudo por reforçar a identidade e colaborar para fixar as características culturais e inclusivas na sociedade, se organizando além dos dias de jogos, inclusive, com papel social dentro das comunidades (MURAD, 2017).

Conforme Teixeira e Hollanda (2016, p. 9), “[...] a partir dos anos 1940, começam a surgir de modo até certo ponto espontâneo, ou sob o beneplácito dos dirigentes de clube, as primeiras torcidas de futebol”. Segundo os autores, enquanto chamavam-se “torcidas uniformizadas” em São Paulo, no Rio de Janeiro, o nome dado foi “torcida organizada”. Além disso, na criação, as torcidas organizadas se constituíram “[...] em espaços de interação social para inúmeros jovens, estimulando a criação de laços sociais, assim como relações de oposição e rivalidade” (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016, p. 10).

Em contrapartida, os torcedores, sobretudo organizados em torcida, acabam atuando significativamente na violência ocorrida no futebol. Corroborando com isso, o fato de em 2012 o Brasil se tornar campeão mundial de mortes de torcedores em consequência de conflitos entre torcidas organizadas (MURAD, 2013). Esse cenário não pode ser olvidado e, efetivamente, é consequência de “[...] causas macro e microsociais, estruturais e conjunturais, históricas e culturais, sociológicas e antropológicas [...]” (MURAD, 2013, p. 141).

Não é exagero alegar que o futebol é uma das maiores paixões do brasileiro e que isso o transformou em uma “cultura de multidões” (MURAD, 2017). Em decorrência disso, acaba existindo uma inclinação das multidões para “[...] à irracionalidade, os caminhos para o exagero, a agressão e a violência ficam facilitados” (MURAD, 2017, p. 81), pois há, automaticamente, a intuição do anonimato por estarem em grandes grupos, encorajando o indivíduo para atitudes de extrema covardia, que muitas vezes não aconteceriam individualmente (RETTO, 1996).

Conforme reportagem do Portal GE.com (2017), Rodrigo de Gasperi, um jovem corintiano de 13 anos de idade, tornou-se a primeira vítima fatal da violência em estádios no Brasil, no dia 23 de janeiro de 1992, em uma partida válida

pela Copa São Paulo de Futebol Junior, entre São Paulo e Corinthians, e após quase trinta anos de sua morte ninguém foi preso ou responsabilizado. Após esse primeiro caso, inúmeros outros ocorreram o que culminou no título indesejado de líder mundial em óbitos causados por conflitos entre torcidas organizadas (MURAD, 2017).

A extinção das torcidas organizadas em 1995 no Estado de São Paulo (BARROSO; VELHO; FENSTERSEIFER, 2005) não extinguiu a ocorrência da violência entre esses grupos, já que constantemente os veículos de imprensa mostram brigas e homicídios em decorrência do futebol em São Paulo. Na realidade, parece não ter ocorrido a extinção, já que é comum ver nos espaços esportivos faixas e símbolos de torcidas organizadas. Essa realidade não é diferente em outras Unidades da Federação, como em Pernambuco, onde o judiciário determinou, em 2020, a extinção compulsória de três torcidas organizadas do Sport, Santa Cruz e Náutico pelo seguinte motivo: “por episódios constantes de violência, vandalismo e brigas” (PORTAL GE.COM, 2020).

Murad (2017, p. 51) é crítico com relação à extinção das torcidas organizadas: “[...] se essa moda pegar em nosso país, de extinguir as entidades e instituições que se desviaram de seus objetivos fundadores e definidores, o que vamos fazer com os parlamentos federal, estaduais e municipais, com a saúde ou a educação pública [...]?”. Por isso, é dever da sociedade compreender e (re)pensar as políticas públicas que envolvem as torcidas organizadas no futebol a partir de uma perspectiva mais geral quanto à violência na sociedade brasileira.

Contradição da violência no futebol: da emoção no gol ao luto pelas vítimas

Os fatos divulgados pela mídia exigem um cuidado. Segundo Fernandes (2017, p. 140), “[...] acabam atuando, ao mesmo tempo, com papéis antagônicos: propagadora do medo, da insegurança e da violência (colaborando para a indústria do medo) e difusora de casos não contemplados pelos órgãos estatais (colaborando com realidades empíricas abandonadas)”. Por outro lado, “[...] ainda que marcado por ideologia, com a ausência de outras fontes, elas podem ser a forma possível de tomar conhecimento dos próprios fatos” (FERNANDES, 2017, p. 140), já que “[...] os dados oficiais disponibilizados pelos órgãos públicos, em sua maioria, não contemplam a realidade urbana em totalidade” (FERNANDES, 2017, p. 140).

A partir dessa ressalva e para compreender empiricamente o fenômeno, buscou-se na rede de internet notícias vinculadas à violência no futebol. A pesquisa realizada em fevereiro de 2021 no portal do *Google* revelou 29.900.000 resultados para o termo “violência no futebol”, sendo notícias de sites esportivos, jornais,

blogs e até de órgãos estatais. Neste artigo, destacam-se as notícias consideradas mais relevantes dentro do escopo da pesquisa.

Em 1995, ocorreu uma briga entre torcedores do São Paulo e do Palmeiras no Estádio do Pacaembu, em São Paulo (SP), no que Morelli (2020, s. p.) denominou de o fracasso no futebol: “Faz 25 anos que o futebol fracassou no Brasil [...] em sua organização e segurança. [...] se viu uma das cenas de maior selvageria de torcedores [...]; Pauladas, chutes, socos e pedradas. [...] Mais de 100 pessoas ficaram feridas. Um morreu [...]. Um mar de sangue”. A Figura 1 mostra a reportagem do jornal O Estado de S. Paulo daquele dia, destacando que “Briga de torcida deixa 100 feridos”.

No ano de 2009, em Curitiba (PR), o time do Coritiba empatou com o Fluminense no Estádio Couto Pereira e foi rebaixado, no ano do centenário, para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro de futebol masculino. Diferente do caso de São Paulo, em 1995, a violência ocorreu entre os próprios torcedores do time local e com a Polícia Militar do Estado do Paraná. Segundo Rudnick (2019, s. p.), foi o “[...] maior episódio de violência dentro de um estádio de futebol no Paraná”. A Figura 2 apresenta algumas imagens da violência instalada dentro do Estádio Couto Pereira, na capital paranaense.

Figura 1. Violência no futebol em São Paulo (SP), em 1995

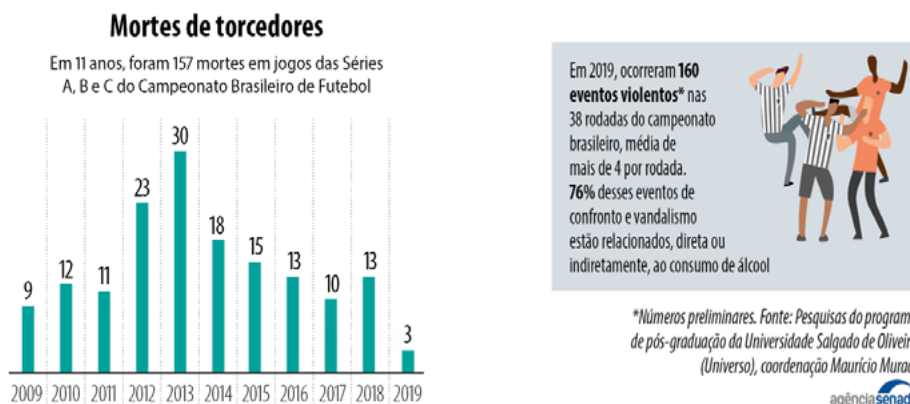


Fonte: Morelli (2020) – O Estado de S. Paulo

Figura 2. Violência no futebol em Curitiba (PR), em 2009

Fonte: Rudnick (2019) – Gazeta do Povo

Esses dois exemplos apresentados ilustram os múltiplos casos de violência que existem no futebol brasileiro. Nos últimos anos, os confrontos entre as torcidas organizadas continuam ocorrendo, mas, agora, acontecem, principalmente, fora dos estádios. Em 2017, o Portal Uol apresentou uma longa reportagem intitulada “Por que tantas mortes?” (COSTA, 2017) e, em 2019, o Senado Federal, destacou que o “Brasil dá resposta insuficiente à violência de torcidas” (BRASIL, 2019). Assim, a Figura 3 apresenta dados acerca da violência no futebol, destacando as mortes de torcedores, entre 2009 e 2019, e eventos violentos em 2019.

Figura 3. Violência no futebol, 2009 a 2019

Fonte: Brasil, 2019

Em 2009, o Brasil teve nove mortes relacionadas ao futebol, menor patamar na série histórica de dez anos (2009 a 2018). Em 2013, o país registrou a maior quantidade: trinta óbitos e, desde então, os números reduziram, mas ainda em valores superiores ao registrado em 2009, com exceção de 2019, que foi registrado o menor patamar (três mortes). Já quanto aos eventos violentos, em 2019, foram 160 ocor-

rências só no Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino, sendo que 76% deles foram confrontos e vandalismos vinculados ao consumo de álcool (BRASIL, 2019).

Os eventos de violência estão sujeitos a enquadramento no Art. 41-B do Estatuto do Torcedores (Lei 10.671/2003), conforme transcrito: “Promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local restrito aos competidores em eventos esportivos”, cuja pena é reclusão de um a dois anos e multa (BRASIL, 2019), entretanto, a sensação é de um descumprimento da lei.

Sobre o consumo de álcool, ele é considerado um estimulante para a prática de violência no esporte (BRASIL, 2019) e vem, novamente, ganhando espaço no esporte brasileiro, sobretudo o futebol, como revela a Figura 4. O porte de bebida é proibido genericamente pelo Estatuto do Torcedor (BRASIL, 2019). No entanto, no vácuo jurídico, a partir de 2014, ano da Copa do Mundo no Brasil, dez estados (Minas Gerais, Mato Grosso, Ceará, Paraná, Espírito Santo, Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Santa Catarina e Rio Grande do Norte) criaram leis estaduais para permitir a comercialização e a ingestão de bebida alcoólica. Durante a Copa do Mundo do Brasil, em 2014, ficou permitida a venda de cerveja, inclusive por exigência da Fifa (o patrocinador do torneio era uma marca de cerveja).

Figura 4. Álcool ganha terreno no esporte a partir de 2014



Fonte: STF

agênciasenado

Fonte: Brasil, 2019

Apesar disso, atualmente, seis dessas leis estaduais (Minas Gerais, Mato Grosso, Ceará, Paraná, Espírito Santo e Bahia) estão sendo contestadas pela Procuradoria Geral da República (PGR) em ações de Declaração de Inconstitucionalidade no Supremo Tribunal Federal (BRASIL, 2019).

Apesar de 2019 ter revelado o menor número de mortes de torcedores desde 2009, ao final do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino daquele ano, o desfecho melancólico não foi apenas para o Cruzeiro, que terminou rebaixado à segunda divisão do Campeonato Brasileiro de futebol masculino, pela primeira vez em sua história: “A revolta dos torcedores cruzeirenses, reunidos em torcida única no Mineirão (...), mostrou que o país mais uma vez falhou em estabelecer um padrão de convivência civilizada no ambiente de seu principal esporte” (BRASIL, 2019, s. p.).

Na ocasião, após o segundo gol do Palmeiras, uma parte do público “[...] passou a quebrar cadeiras, jogá-las no campo, estourar rojões e depredar banheiros. A Polícia Militar explodiu bombas de efeito moral e, [...], até atirou balas de borracha” (BRASIL, 2019, s. p.). O jogo, encerrado antes do tempo regulamentar, terminou com um saldo de trinta pessoas socorridas (BRASIL, 2019).

Os confrontos entre torcedores organizados de times de futebol migraram das praças esportivas para o espaço do carnaval, sobretudo com a ascensão para o grupo de elite do Carnaval de São Paulo de duas escolas de samba ligadas às torcidas organizadas. Isso reverbera em toda a sociedade, para outros espaços comunitários e para outros eventos esportivos. Segundo reportagem da Folha de São Paulo (2005), “Em 2003, o maior incidente foi no carnaval. Membros do bloco da Independente, do São Paulo, mataram com um tiro rival da Pavilhão 9”.

Assim, a sociedade vai vendo a emoção proporcionada pelo futebol, sobretudo no momento do “gol”, sendo substituída pelo luto e pela tristeza das mortes causadas pela violência, decorrente, em muitas vezes, de um sentimento de ódio gerado contra torcedores de outras equipes. Portanto, é preciso resgatar a utilização do futebol como espaço de recreação, transformação social e de enfrentamento da violência.

Considerações finais

O tema da violência precisa ser, cada vez mais, inserido nos estudos da Geografia, sobretudo dentro da chamada Geografia da Violência. Assim, a compreensão do fenômeno da violência a partir da Ciência Geográfica pode colaborar com a Ciência na busca por soluções e políticas públicas de enfrentamento.

A violência é um fenômeno estudado a partir de diferentes linhas, como destacado anteriormente. Ainda que muitos transitem pela violência como algo inerente à condição humana e a partir da influência de causas externas sobre o ser humano, é preciso compreendê-la, também, a partir da consolidação do modo de produção capitalista e do advento do fenômeno da globalização.

A compreensão da violência enquanto fenômeno social ajudará no entendimento da violência no futebol. A violência no futebol ocorre em diferentes escalas: das partidas amadoras até em jogos do futebol profissional. Apesar disso, as torcidas, organizadas ou não, têm papel de destaque no fenômeno da violência no futebol, sobretudo quando envolve a rivalidade.

O assunto é complexo e precisa de aprofundamento. Por isso, diversos autores têm alertado quanto à necessidade de não reduzir o fenômeno da violência no futebol, exclusivamente, à existência das torcidas organizadas. Logo, é preciso considerar diversos agentes sociais para entender esse fenômeno. Além disso, o próprio espaço deve ser considerado nas análises.

É preciso políticas públicas de enfrentamento da violência no âmbito da sociedade e, também, ações específicas para os espaços esportivos, sobretudo para a prática do futebol. Sendo assim, este artigo tem como potencialidade colocar luz no tema da violência no futebol a partir de reflexões alicerçadas no olhar da Ciência Geográfica. Evidentemente, o tema não se esgotou e é preciso superar as limitações, sobretudo quanto ao papel das torcidas organizadas no fenômeno da violência no futebol.

Referências

- BARROSO, Mario Luiz; VELHO, Nivia Marcia; FENSTERSEIFER, Alex Christiano Barreto. A violência no futebol: revisão sócio-psicológica. **Rev. Bras. Cine. Des. Hum.**, 2005, v. 7, n. 1, p. 64-74.
- BRASIL, Agência Senado. **Brasil dá resposta insuficiente à violência de torcidas**. 2019. 10/12/2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/brasil-da-resposta-insuficiente-a-violencia-de-torcidas>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- CANIELLO, Márcio. O Ethos Sanjoanense: tradição e mudança em uma cidade pequena. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 31-56, 2003.
- CASAGRANDE, Magnus Cassiano. **Encenação jornalística da violência no futebol: estudos de estratégias discursivas, efeitos sem sentido e valores**. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, 2014.
- COSTA, Guilherme. Por que tantas mortes? **Portal UOL**, 2017. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/especial-violencia-torcedores.htm#por-que-tantas-mortes>. Acesso em: 27 out. 2020.
- ENDLICH, Angela Maria; FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. Aumento da violência em pequenas cidades, sentimento de insegurança e controle social. **Scripta Nova**, Barcelona, v. XVIII, p. 1-20, 2014.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. A abordagem da violência pela mídia nas pequenas cidades da Região Norte Central do Paraná. **DRD - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 7, p. 138-157, 2017.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. A compreensão da violência e da insegurança urbana. **Agenda Social (UENF)**, v. 14, p. 173-192, 2020.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. **Sociabilidade e sentimento de insegurança urbana em pequenas cidades: o Norte do Paraná**. 261 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli Fernandes. **Um espectro ronda as pequenas cidades: o aumento da violência e da insegurança objetiva**. 525 p. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2017.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli; ENDLICH, Angela Maria. Os espaços contemplados nos estudos de violência e insegurança urbana. *In: ENANPEGE - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia*, 9., 2011, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: ANPEGE, 2011.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Clássicos viraram sinônimo de briga e mortes em SP**. 2005. 17/10/2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1710200505.htm>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MODENA, Maura Regina. **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ABREU, Anderson Kerley Chaves de; OLIVEIRA, Marina Clemente de. Moralidade e sociabilidade em Frankl: um norte para superação da violência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, p. 627-635, 2006.

MORELLI, Robson. Foi no dia 20 de agosto de 1995, no Pacaembu, que as entidades descobriram seu fracasso no futebol. **Jornal O Estado de S. Paulo**, 2020. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/blogs/robson-morelli/foi-no-dia-20-de-agosto-de-1995-no-pacaembu-que-as-entidades-descobririam-seu-fracasso-no-futebol/>. Acesso em: 27 out. 2020.

MURAD, Mauricio. **A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas**. São Paulo: Benvirá, 2017.

MURAD, Maurício. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **Revista USP**, [S. l.], n. 99, p. 139-152, 2013.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo Perspec.** [online], v. 14, n. 2, p. 122-128, 2000.

PORTAL GE.com. **Violência torcidas Corinthians e São Paulo**. 2017. Disponível em: globoesporte.globo.com/sp/futebol/violencia-torcidas-corinthians-sao-paulo/index.html. Acesso em: 28 jan. 2021.

PORTAL GE.com. **Justiça determina a extinção de torcidas organizadas do Sport, Santa Cruz e Náutico**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/02/18/justica-determina-a-extincao-de-torcidas-organizadas-do-sport-santa-cruz-e-nautico.ghtml>. Acesso em: 28 jan. 2021.

RETTO, A. B. A. Multidão sem rosto. *In: LERNER, J. (Org.). A violência no esporte*. São Paulo: Imesp, 1996. p. 39-44.

RIFIOTIS, Theophilos. Violência policial e imprensa: o caso da Favela Naval. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 28-41, out./dez. 1999.

RUDNICK, Fernando. 10 anos de violência no Couto. **Gazeta do Povo**, 2019. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/esportes/coritiba-couto-pereira-2009-violencia/>. Acesso em: 27 out. 2020.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004.

SORIANO, Érico. **Os espaços de medo e os de castigo nas pequenas cidades do estado de São Paulo**: avaliação geral e o caso de Itirapina. 2007. 157 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; HOLLANDA, Bernardo Buarque. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Esporte e Sociedade**, ano 11, n. 28, 2016.

VIANA, Nildo. **Violência urbana**: a cidade como espaço gerador de violência. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

ZISMAN, Meraldo. **Violência a metamorfose do medo**. Recife: O Autor, 1993.